



*ACHERONTA MOVEBO – MOVEREI AS REGIÕES INFERNAIS*³³

Samuel Cardoso

Universidade Estadual do Paraná

Há já na primeira página do prefácio à edição brasileira do livro de Zizek, uma indagação relevante sobre o modo como entende-se, por vezes, de forma superficial o assunto ao qual propõem-se perscrutar. Em *Um ianque na corte do rei Arthur*³⁴ Mark Twain nos apresenta uma escrita que deixa claro sobre o aspecto com o qual fomos tão rapidamente ensinados a observar e compreender a violência, deixando então, à margem as outras características que são, por assim dizer, invisíveis às nossas tentativas de entendê-la.

Havia dois “Reinos de Terror”, se quisermos lembrar e levar em conta: um forjado na paixão quente; o outro, no insensível sangue frio... Nossos arrepios são todos em função dos “horrores” do Terror menor, o Terror momentâneo, por assim dizer, ao passo que podemos nos perguntar o que é o horror da morte rápida por um machado em comparação à morte contínua, que nos acompanha durante toda uma vida de fome, frio, ofensas, crueldades e corações partidos? Um cemitério poderia conter os caixões preenchidos pelo breve Terror diante do qual todos fomos tão diligentemente ensinados a tremer e lamentar, mas a França inteira dificilmente poderia conter os caixões preenchidos pelo Terror real e mais antigo, aquele indizivelmente terrível e amargo, que nenhum de nós foi ensinado a reconhecer em sua vastidão e lamentar da forma que merece. (ZIZEK, 2014, p.7).

Apresentar-se-á aqui um trajeto argumentativo que tem como princípio e objetivo realizar a conexão e exposição de pontos-chaves necessários para uma melhor compreensão das provocações levantadas e desenvolvidas ao longo da leitura de *Violência: seis reflexões laterais*³⁵, obra do filósofo esloveno Slavoj Zizek.

³³ O título do trabalho tem como objetivo provocar em nós a disposição de perturbarmos e perscrutarmos em nós, as simbolizações – muitas vezes violentas – que se engendram em “locais” subterrâneos e não ditos de nossa vida cotidiana. Propiciando assim o desmascaramento de nossas crenças ideológicas que ainda que “interiores”, cerceiam, ordenam e propiciam a subordinação de várias pessoas perante outras.

³⁴ São Paulo, Rideel, 2011.

³⁵ ZIZEK, Slavoj. **Violência: seis reflexões laterais**. Slavoj Zizek; tradução Miguel Serras Pereira. – 1. ed. – São Paulo: Boitempo, 2014.



A violência é experienciada como um evento que, como dito pelo filósofo, quebra um grau zero de não-violência, ou seja, a partir do instante em que “abruptamente” a violência irrompe e se faz presente diante de nós – imaginemos por exemplo, um assalto –, aquele determinado ambiente já não estaria funcionando mais em sua naturalidade não violenta. Sendo assim, o funcionamento do sistema em sua “normalidade”, caracterizar-se-ia em um campo isento de eventos violentos, um marco puro, um terreno neutro. Mas e se a forma de violência mais alta for a imposição dessa visão de mundo?

A obra do filósofo nos possibilita meios de reconhecer com quais formas o fenômeno da violência opera, assim sendo, podemos de maneira paralática observarmos a imposição de um ideal – totalmente ideológico – de que há um ordenamento no sistema capital que opera de forma pacífica e neutra. E para perscrutarmos esse fenômeno, Zizek nos apresenta três conceitos fundamentais de violência, são eles: a **violência subjetiva**; a **simbólica** e a **sistêmica**.

A violência subjetiva é por definição aquela que sempre nos é mais perceptível e que é sempre exercida por um agente claramente identificável; esse evento pode ser observado por uma pessoa leiga ou por alguém que tenha erudição no assunto aqui tratado. Nas palavras do próprio autor (2014, p. 17) *os sinais mais evidentes que nos vêm à mente são atos de crime e terror, confrontos civis, conflitos internacionais*.

Contudo, há que se ter a capacidade de contornarmos e de não nos atermos somente aos aspectos pictóricos do assunto, é necessário reconhecer as causas que possibilitam essas explosões, é preciso dar um passo para trás afim de identificarmos a violência geradora de toda essa miríade que observamos em nosso âmbito social.

A violência simbólica é aquela exercida pelo campo da linguagem, assim sendo, nos oferece um certo universo de sentido que nos impregna de certa forma e nos coloniza. Este fenômeno que se possibilita através do meio simbólico promove hora a coação do outro, hora a nossa; o pensador nos traz a ideia do antissemita, esse odiaria não a pessoa judia que transita na realidade imediata, mas à um judeu ficcional, criado através de toda uma tradição de ódio e raiva, dessa maneira, o nazista é uma figura ficcional dentro de sua própria identidade ideológica.



Tratando-se de uma forma simbólica de violência que nos incute uma visão de mundo, deveríamos então voltar a atenção para um problema que sempre (re)aparece quando estamos debatendo sobre nossa maneira de pensar e agir perante o outro em nossa realidade. Tudo aquilo reconhecido como subjetivo encontra-se já do lado de fora de nós, pois minhas práticas subjetivas exercem efeitos sobre os corpos que transitam na realidade material.

O filósofo nos traz ainda o exemplo do ouro: *Quando chamamos o ouro de “ouro”, extraímos violentamente um metal de sua textura natural, investindo nele nossos sonhos de riqueza, poder, pureza espiritual etc., ao mesmo tempo em que nada disso tem relação com a realidade do ouro.* (ZIZEK, 2014, p. 60). Vejamos então que a realidade imediata nunca nos é intolerável, aquilo que a torna assim são as simbolizações que nós damos a ela.

A torrente que irrompe é chamada de violenta / Mas o rio que a constrange / Ninguém chama de violento. / A tormenta que verga as bétulas / É tida como violenta / Mas o que dizer da tormenta / Que verga os trabalhadores de rua? (BRECHT, 2019, p. 315)³⁶

Com esse poema adentramos então no conceito de violência sistêmica. A rotinização de ações praticadas em nossa cotidianidade acaba por transformar nossas relações em um grande palco de legitimação da subjetividade de nossas crenças, valores, etc., sob nossos corpos que sentem despencar na imediatez da realidade a força da torrente e da tormenta; essa violência tem a capacidade de ser compreendida e experienciada por nós como não violência, enquanto deve ser experienciada como violência.

A violência sistêmica é aquela que garante aquele grau zero de “não-violência” e que não tem uma face claramente reconhecível. Portanto, ela é também uma das faces mais difíceis de ser reconhecida no que diz respeito ao fenômeno ao qual aqui investigamos. Ademais, há entre esta violência e a subjetiva uma relação intrincada, é preciso observarmos que aquele evento mais visível é também resultante de todo um processo mais prolongado de situações danção.

³⁶ Poema intitulado: Sobre a Violência. Brecht, Bertolt, 1898-1956; Bertolt Brecht: Poesia / introdução e tradução André Vallias. – São Paulo: Perspectiva, 2019. – (Coleção signos; 60 / dirigida por Augusto de Campos).



Com o exercício de escrita de Zizek e as indagações que ele nos oferece em seu trabalho, chegamos, portanto, à conclusão de que a violência é – assim como descrito pelo pensador, sintoma –, um efeito.